

A NOVA ESCOLA DA ERA DIGITAL

Almiro de Sá Ferreira
(Diretor-Geral da ETEPB)
Escola Técnica Federal da Paraíba
Av. 1º de Maio, 720 - Jaguaribe
58015-430 - João Pessoa - Paraíba
(083) 241-2200 Ramal 270

Resumo

Qualquer análise mais cuidadosa nos leva a conclusão de que o tipo de escola com a qual hoje convivemos é paradigmático do século XVIII, vivendo no atraso e na obsolescência, sobretudo em virtude do crescente desinteresse que desperta em seus alunos - na realidade "vítimas" e "mártires" de práticas educativas impróprias e inadequadas para a era digital. Contrapondo-se a esse modelo, propõem-se neste trabalho três grandes mudanças que poderão garantir a sobrevivência da escola no século XXI. Tal modelo poderá ser construído a partir de um arcabouço físico inovador, de novas categorias pedagógicas alicerçadas no aprender a aprender e de uma conectividade mais profunda entre a escola e o mundo do trabalho.

A Escola, tal qual conhecemos hoje, teve os seus primórdios sob os influxos do racionalismo cartesiano do século XVIII, a partir de quando o antigo sistema tradicional de ensino - em que o aluno trabalhava por alguns minutos junto ao professor, enquanto os outros esperavam - começou a sua gradual passagem para o chamado "espaço disciplinar", da clausura e do confinamento.

Tal configuração resultou de uma nova tecnologia da norma, de uma nova forma de economia da aprendizagem e de uma microfísica do poder que estabeleceram as bases de uma outra fase da história das penalidades - ao assumir uma nova positividade - no momento em que se procurou impor "disciplinas" que visavam a moldar corpos economicamente úteis e politicamente dóceis para a sociedade do trabalho.

Foi o brilhante filósofo e sociólogo francês Michel Foucault, quem alertou para essa transmutação da Escola e de outras "instituições disciplinares", em consonância com as mudanças econômicas e sociais que se iniciaram com o advento da Revolução Industrial. Segundo ele, essa nova tecnologia da norma introduz dois direcionamentos, que ainda hoje objetivam, **em primeiro lugar**, estabelecer definitivamente o espaço pelo controle dos movimentos (definindo "celas", salas, fileiras, hierarquias) para isolar o aluno, procurando melhor observar, vigiar e puni-lo, e, **em segundo**, dividir e fracionar o tempo em segmentos sucessivos, em séries temporais, introjetando uma nova noção - a do **tempo útil**, de grande valia para viabilizar o "sistema de fábrica".

Nesse aspecto, a semelhança, identificada por Foucault, entre a fábrica, o hospício, o hospital, a prisão, o quartel e a **Escola**, atendeu, até certo ponto, a um momento histórico: o descortinar da modernidade.

Acontece que, hoje, mesmo nas sociedades "pós-capitalistas", o modelo de escola que temos, pouco ou nada evoluiu em relação a um passado que se torna cada vez mais sombrio e obscuro. É bem verdade que não se pode exigir da Escola que ela esteja na vanguarda do

processo de mudança e transformação, porque seria contrariar o próprio rumo da história, mas que, pelo menos, ela não fosse tão refratária a mudanças, a ponto de ficar hibernando por dois séculos. É muito comum se observar no meio acadêmico o clamor pelas transformações, mas, o que falta é exatamente um “**olhar para dentro**” das próprias instituições de ensino.

Clauss Off, analista do estado moderno e das políticas públicas, demonstra com muita propriedade o papel aviltante da Escola na contemporaneidade, quando, entre outras observações pertinentes, afirma que escola é um **STOP** (um ponto de parada) para que os jovens fiquem no aguardo de um posto de trabalho, visto que a capacidade de absorção do mercado é extremamente limitada.

Dentro dessa hipocrisia geral em que se tornou a Escola, onde o *faz de conta* toma conta e a conta quem paga é o contribuinte, as mudanças - que são tão urgentes vão se postergando, sob o pretexto de que a inovação traz o desemprego, a perda de privilégios e, o que é pior, a quebra da autoridade, das hierarquias e do **status quo**.

Qualquer pessoa, em sã consciência e que pratique a empatia, verá que a situação dos nossos estudantes não é das mais confortáveis dentro de “prisões”, vendo o “sol quadrado”, todos os dias da semana, assistindo à repetição de conteúdos maçantes e desatualizados, desde as primeiras séries do primeiro grau, num encadeamento ilógico para a **era digital** em que vivemos - em contraste, pois, com *la dolce vita* da lógica eletrônica, da interatividade, da multimídia, da realidade virtual, dos novos e excitantes esportes, das atrações mais variadas que o paraíso citadino oferece nas múltiplas e multifacetadas experiências de lazer e diversão do mundo moderno.

No Japão, nos EUA, na França, na Alemanha, no Brasil, na Nigéria ou em qualquer outro país em que se tenha visão de futuro, a Escola precisa ser repensada e reestruturada dentro de novos pressupostos, dentro de novos paradigmas.

Para que a transformação da Escola possa ser compatível com a sociedade em que vivemos e tenha novamente condições de despertar em nossos jovens o interesse pelo **saber fazer** é preciso um processo sofisticado de reengenharia, que se materialize a partir de uma nova arquitetura pedagógica, de um novo arcabouço físico e de uma nova, dinâmica e flexível relação de parceria com o mundo produtivo e com a comunidade e a sociedade civil.

A grande mudança passa pela alteração do eixo que até hoje tem inspirado todo o trabalho dos docentes - o ato de ensinar. Dentro dessa nova missão, a Escola precisa construir categorias pedagógicas que introjetem no aluno o mecanismo da investigação, da pesquisa, do **aprender a aprender**. Os educadores, nessa conjuntura, terão que investigar o que é realmente relevante para o aluno, aliando competências cognitivas com as chamadas competências sociais. Os alunos, mais do que nunca, necessitam de se instrumentalizar para viverem, para exercerem a cidadania, para buscarem a emancipação, para serem empreendedores.

Não é mais interessante para um aluno dizer de cor a capital do Zaire, da Tailândia ou da República de Camarões, mas saber localizar, por exemplo, num soft de Geografia ou numa Enciclopédia Expandida, as condições humanas, econômicas, sociais e físicas de qualquer país do mundo que lhe interessem por motivo de viagem turística, comercial, trabalho de pesquisa, mera curiosidade ou qualquer outro objetivo pessoal. Mais importante para um estudante do que desenvolver habilidades operatórias na área da Matemática seria, por exemplo, ter noção de grandeza e pôr um problema em equação. Em suma, o que a Escola deve primar, dentro de uma arquitetura pedagógica moderna, é pelo desenvolvimento das capacidades do aluno, no sentido de resolver problemas desafiantes inesperados e ocasionais, como de fato ocorrem na vida -, e dominar processos. É a Escola da aplicação sobrepujando a escola da teorização.

Quanto ao novo arcabouço físico, no que tange ao layout, a Escola precisa passar também, por um novo processo de reengenharia, que lhe dê uma outra configuração coerente com as novas tendências e os novos cenários que se esboçam na esteira da educação continuada, do ensino não presencial, do ensino à distância, da “escola aberta” da “open university”, enfim de novos modelos que farão da Escola não mais um local de estacionamento, mas de um **ponto de encontro** em que alunos em grupos farão pesquisas, consultarão especialistas, recorrerão a consultores, pessoas preparadas e treinadas para indicar caminhos, para sugerir alternativas e possibilidades no avanço de estudos investigatórios, na descoberta de novas tecnologias, de novos processos organizativos do trabalho e na orientação vocacional, à luz dos novos perfis profissionais. A Escola, dentro dessa nova perspectiva, poderá ser até espacialmente inexistente, desde que a ela os alunos estejam interligados pela Telemática.

Na verdade, indiscutivelmente, as escolas-prisão estão com os seus dias contados. As salas de aula não devem se assemelhar com as celas dos presídios para parecerem cada vez mais com as salas de estar das residências, com os play-ground, com os escritórios modernos e com todos os ambientes ecologicamente sadios e livres para desenvolver nos alunos e professores a criatividade e a criticidade, ferramentas basilares das competências hoje requeridas para o desenvolvimento pleno da cidadania, do profissional e do empreendedor contemporâneos.

Na terceira e última direção, que aqui consideramos, é preciso um cuidado todo especial para com a relevância do que se ensina na escola. Para tanto, há que se priorizar uma reestruturação profunda na tênue relação que as escolas estabelecem com o meio empresarial e com a sociedade e a comunidade onde estão inseridas.

Estender a mão para as empresas e setores produtivos, interligando o conhecimento com o **saber fazer** parece ser a saída para potencializar os meios de produção e propiciar a riqueza para todos. Conectar a Escola com a sociedade civil é permitir uma maior vigilância sobre as estruturas de poder, é dotar os educandos do senso de realidade para que reclamem por justiça, por mais ética e pela partilha do pão entre os que ainda estão famintos - para vergonha de todos, inclusive para os que se utilizam da educação como pano de fundo para brechar as mudanças que os novos tempos estão a exigir.

Referências Bibliográficas

- CARNOY, Martin. Escola e trabalho no Estado Capitalista / Martin Carnoy e Henry M. Levin; (tradução Lólio Lourenço de Oliveira) São Paulo : Cortez , 1987.
- FERREIRA, Almiro de Sá. A Escola de Aprendiz Artífices no Estado da Paraíba: processos disciplinares e de reordenamento para o trabalho assalariado no Nordeste(1910-40).Série Documental INEP-MEC- Relatos de Pesquisa, n. 19, JUL./1994. Brasília-DF.
- KUENZER, Acácia Z. Pedagogia da Fábrica, as relações de produção e Educação do Trabalhador, São Paulo: Cortez, 1986.
- LITTO, FREDRIC - O Novo Paradigma em Educação e as Novas Tecnologias da Comunicação - IN A Escola do Futuro USP, 1994.
- OSBORNE, David. Reinventando o governo; como o espírito empreendedor está transformando o setor público. Trad. de Sérgio Fernando Guarischi Bath e Ewandro Magalhães Jr. 2 ed. Brasília, MH Comunicação, 1994.
- TAS, Marcelo - Sentidos Digitais In Veja 25 Anos, Ed. Abril, 1993 - Pag. 178/87.